

Na Terra Prometida, global e *iluminada*, a Terra de Ninguém, sem centro e sem ribalta. No O *Jardim* quotidiano, o reverso do local da peregrinação.

Aqui chegámos, esvaziados, desencantados, coisificados, sem sentido.

Peregrinos da racionalidade e da desalienação, da consciência histórica e da objectividade, da profanização e da individualidade, da ciência e da prospecção, da liberdade e da transgressão, da pluralidade e da civilidade.

Filhos das *luzes*, da euforia da razão e da interdição da melancolia, que dessacralizou a experiência e transmutou o real. Que dissociou o sensível do conhecimento, que retirou o *Sentido* das coisas e o enclausurou no indivíduo, para breve o rejeitar das proposições lógicas, o expulsar do discurso e o dejectar no quotidiano.

O reverso de peregrinos. Peregrinos do desencanto da realidade e da razão, perdidos da crença e da convicção, radicalmente sós, entregue aos seus psiquismos e seus narcisismos: sem filosofia que lhes fundamente a cultura, sem pensamento que lhes fundamente a noção de sujeito e de certeza, sem objectividade que lhes fundamente a doutrina e a construção, sem realidade que lhes fundamente a experiência e sem Deus que lhes fundamente a existência. Peregrinos da perda.

Peregrinos — coisa. Esvaziados de imaginação, despersonalizados e massificados, buscando insaciavelmente e em vão experiências fortes e verdadeiramente interessantes, na ilusão de tudo sentir e tudo experimentar, em actos ressequidos de intencionalidade e pensamentos adormecidos em consumo.

Peregrinos desfocados. Espectrais. Sem o outro, a diferença do outro, o diálogo, o encontro. Ensimesmados no vazio, onde só o corpo resta para busca peregrina do sentido.

Peregrinos do quotidiano. Na luz cheia de noite. Em terras estranhas. Nós.

Rui Mota Cardoso, 2007